

egoismo da auto-defesa, com a repressão sem a prevenção. As mais das vezes, cada um somente considera justo aquilo que o protege; isso deve dilatar-se até proteger a todos. Ha no balanço social um tributo anual de expulsos, segundo uma lei que as estatísticas exprimem. Importa compreender essa lei e extirpa-la pela raiz. Ha desherdados cujo crime é o de terem nascido com a marca de uma podridão hereditária. Outros são falidos na luta pela vida, com a mesma psicologia e valor moral dos vencedores. E' preciso saber ler e *operar* na alma, saber fazer o cálculo das responsabilidades, superar a desastrosa psicologia materialista da antropologia criminal. A delinquência é fenômeno de involução. E' necessário alimentar todos os fatores de evolução e eliminar os fatores opostos, se quiserdes que haja melhorias no decurso da enfermidade e a sociedade possa aliviar-se do fardo. Consiste o trabalho em penetrar o animo, educar, corrigir, ajudar e, sobretudo, se se pretende guiar e punir em nome de uma justiça divina, recordar a palavra evangélica: "Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado".

LXXVIII — As sendas da evolução humana.

As sendas da evolução humana podem considerar-se, nos diversos planos, de um ponto de vista assim individual, como coletivo.

Desde que evolução é o princípio central da Lei — tanto que "evolver" é sinônimo de "ser", não sendo possível o existir senão como movimento de progresso (superior a todo regresso) — evolução tem que ser o conceito basilar da taboa dos valores éticos. Os conceitos de *bem* e de *mal*, de *virtude* e de *vício*, de *dever* e de *culpa*, ainda que relativos e progressivos, ou, antes, por isso mesmo, não se podem formar senão em função da evolução. Vimos este fenômeno a funcionar e triunfar em todas as dimensões que conhecemos; e se, na vossa fase atual, ele é construção e ascensão de consciência, desmaterialização de formas, conquista biológica e espiritualização de personalidade, esses conceitos resumem, com referência às posições relativas de cada um, o *bem*, a *virtude*, o *dever*, exprimindo as posições opostas os conceitos em oposição áqueles: *mal*, *vício*, *culpa*, que são involução e descida.

No regimen de equilíbrio a que o universo se acha submetido mesmo no campo das forças morais, constantemente se forma o total das impulsões e contraimpulsões, do dar e do haver e, por isso, a dor existe como facto substancial e insuprimível na ordem universal, por quanto tem exatamente a função necessária de estabilizadora dos equilíbrios, que ela incessantemente reconstitue, mal sejam violados pela liberdade do ser. Daí o conceito de redenção pela dor. Por isso eu vos disse que ela é sempre um bem, *pois que*

retifica as trajetórias dos destinos. Mal transitorio, necessário, em face da necessidade da liberdade individual (base da responsabilidade e do mérito) ela utiliza sempre o dar, acumula o crédito e se transforma num meio de bem, conceito evidente, posto que o princípio de equilíbrio é universal e tem que abranger também o campo ético.

Assentadas estas bases racionais, torna-se fácil a construção do *edifício ético*, que coincide com o edifício em que há milênios trabalham religiões, filosofias, leis sociais, que foi encontrado por meio da revelação, sentido por intuição, carente, porém, dessa base de racionalidade hoje indispensável, para que o aceite a moderna psicologia. Uma multidão de mártires e de eleitos o têm compreendido e nele trabalhado, de um extremo a outro do mundo, com sistemas diversos, segundo a posição de cada um, mas idênticos sempre na constante aspiração de obrar. Os místicos, se bem não se exprimissem de modo científico, conheciam as leis da evolução das dimensões na fase a, operavam, mediante um regimen de constante educação, a transformação biológica do homem em superhomem, o despreendimento da matéria, a sua desmaterialização progressiva e, mediante a renúncia, a vitória sobre a animalidade. Verdadeira técnica construtiva do psiquismo, assimilação de qualidades novas, pela transmissão delas ao subconsciente, estabilização de virtudes no estado definitivo de instinto e, por isso, de necessidade.

O demônio, inimigo eterno, personifica as baixas forças involutivas da animalidade supervivente e emergente das mais infimas camadas da personalidade. Os instintos inferiores, as paixões tempestuosas são o antagonista na grande luta interior. As grandes renúncias — pobreza, castidade, obediência — são as flagelações decisivas, das quais sae desfalecida a animalidade, mas que, lembrando-lo, somente poderão valer onde se saiba *reconstruir* ao mesmo tempo, substituindo-a por mais altas qualidades, por amores, domínios e paixões mais espirituais, afim de que o ser não se perca, como de outra forma aconteceria, no vazio de uma infrutífera assíxia. Se ao ser se impõe uma morte no nível animalidade, deveis oferecer-lhe um renascimento no nível espiritualidade. As paixões são grandes forças que se não destroem, que se utilizam e elevam, pois que na evolução tudo procede por continuidade. Não impõnhais, porém, ao próximo a virtude como meio de opressão, para que, pondo-se ele num estado de renúncia, isso assegure o vosso domínio e constitua vantagem vossa na luta pela vida; cumpre que o esforço pela virtude seja principalmente de quem prega, como é também vantagem sua.

A minha concepção implica uma ética progressiva; oferece-vos, por consequência, como tipo ideal, tipos superhumanos cada vez mais perfeitos. Concepção aristocrática e dinâmica, antípoda da vossa, que eleva a tipo ideal a mediocridade do maior número.

A psicologia vulgar apenas pode dar a *codificação dos instintos atraçados da animalidade*. Alçar a modelo a mediocridade, somente porque ela se impõe pela força do numero e não pelo valor, significa *erigir um monumento à inferioridade*. O individualismo, ao contrario, sobre o fundo pardacento da maioria, é sagrado, uma vez que luta sempre por elevar-se: porque esta é a lei da vida e a ascensão coletiva não pode ser senão a resultante de todas as ascensões individuais, o emergir, nas sendas do bom, do mar da mediocridade. Sejam enquadradas as massas, para que os poderes diretores possam melhor impor o trabalho da evolução; não sejam, porém, elevadas a tipo e não abafe o numero o valor. Lá em cima, alta e distante, está a luz dos espiritos gigantes, que hão superado e escravizado ao espirito as forças biologicas. Deles estão cheios os seculos e cada um achará entre eles o tipo que represente o aperfeiçoamento de suas proprias qualidades. O sensitivo achará no poeta e no santo o genio da arte ou da fé; o volitivo achará no heroi, no pensador e no cientista o genio da racionalidade e da intuição. Cada tipo levou para o alto a chama ou da vontade, ou da mente, ou do coração; aperfeiçoou um lado da natureza humana; cada tipo é um pioneiro que vos mostra as sendas da evolução.

O tipo humano comum se move para outros niveis. O mais baixo vive e sente que vive unicamente no nível vegetativo, move-se num campo fisico, onde a ideação é concreta, quasi muscular; onde o mundo sensorio é a realidade toda e nenhuma abstração ou conceito sintetico a ultrapassa. Dominam os instintos primordiais (fome e amor) e a satisfação deles é a unica necessidade, a unica alegria, a unica aspiração. Psiquisimo rudimentar, que só no campo passional se exercita, de atrações e repulsões violentas e primitivas. Qualquer conquista pertence ao inconcebivel, a treva envolve quasi toda a consciencia. E' o selvagem e, nos países civilizados, o homem das classes inferiores, onde aquele renasce pelo seu peso especifico.

Mas, a civilização criou um tipo mais elevado, de psiquismo mais deserto, que chega até à racionalidade. A explosão das paixões é controlada, pelo menos na apariencia. Os instintos primordiais, embora se conservem os mesmos, se complicam e revestem de um trabalho reflexo de controle, se apuram, tornando-se mais nervosos e psiquicos. Adora-se a riqueza; impere a ambição e esta incita á luta, que se faz cada vez mais nervosa e astuta e ultrapassa as raias do indispensavel. A realidade, se bem que sensoria, se enriquece. A zona do concebivel se dilata um pouco, mas permanece sempre no exterior dos fenomenos e é impotente em face de uma sintese substancial. Os principios gerais são repetidos, sentidos não; ha uma incapacidade de consciencia com relação a tudo quanto excede ao interesse do eu, que é a suprema exigencia. O altruismo não se expande além do circulo da familia. E' o moderno homem civilizado, educado, envernizado de uns longos culturais, voluntarioso,

dinamico, sem escrupulos, egoista, habituado a mentir, vasio de qualquer convicção e aspiração substancial. A' sua impotencia intuitiva e sintetica chama razão, objetividade, ciencia, que é meio utilitario.

Ha um tipo ainda mais elevado de homem, dificilmente reconhecivel pelo exterior, para quem não lhe haja chegado ao nível. Muitas vezes é um solitario, um martir cuja grandeza só se reconhece depois de sua morte. E é natural. Só o que é mediocre pode ser comprehendido de subito e aclamado pela maioria mediocre. Glória facil e rapida significa pouco valor. Nesse tipo, o concebivel se ha dilatado até á sintese maxima, a consciencia ha chegado á dimensão superior da intuição. Ele está por demais longe da média, porque ha visto e comprehendido as altas metas da vida e não pode passar pela terra senão em missão, amando e distribuindo benefícios. E' com frequencia apagado e desprezível para o mundo, mas o seu gesto abrange todo o criado. Tem ele vencido os instintos da animalidade ou luta por vence-los. Não encontra na terra inimigos, a não serem as inferiores leis biologicas, que procura refreiar. Aceita a dor e faz sua a dor do mundo. Sabe e sente tudo quanto para os seus semelhantes se perde no inconcebivel. Seus triunfos são por demais vastos e distantes para serem vistos, pois que ele se move no pensamento e na ação inherentes á substancia das coisas, de harmonia com o infinito. Este é o tipo da *superhumanidade* do futuro, na qual a animalidade egoista e feroz se achará vencida e triunfante o espirito.

Não são absolutas estas gradações, nem como nível, nem como tipo, e cada um oscila para uma ou para outra. Mas, a evolução é universal e constante, e opéra a ascensão de um tipo para outro, ascensão do selvagem para a civilização, ascensão das classes sociais inferiores para o bem estar da burguezia, velha historia das mais baixas ascensões humanas, impeto determinante das revoluções sociais. Hoje, porém, a persistencia e a amplitude da civilização amadureceram e difundiram o segundo tipo humano e, pois que é preciso evolver, quando ele constituir a maioria, por ter elevado e assimilado o tipo inferior, a sua revolução não se poderá operar senão para o terceiro tipo: o superhomem. Enquanto em baixo se agitam confusamente as aspirações das infimas classes sociais, prontas a afogar o egoísmo de raça para impor o interesse de classe, se a zona superior não souber defender a sua função diretora — o segundo tipo tende, por identico impulso evolutivo, a subir ao nível do superhomem e esta é verdadeiramente a grande, a nova transformação biologica, no acervo dos seculos vindoiros.

Não são utopias as minhas perspectivas do futuro; elas se acham conexas aos factos e á evolução historica normal. O superhomem foi, no passado, um produto esporadicó, isolado; no futuro, tornar-se-á um produto de classe. A santa obra de educação do povo o

trará em massa ao nível medio e, quando esta for a zona de maior extensão, nenhuma revolução mais poderá provir de baixo. O progresso científico prepara inevitavelmente, não obstante os seus perigos, um ambiente de menos áspera escravidão económica e de mais intensa intelectualidade. A civilização estabilizará rapidamente o nível medio de vida, proximo ao segundo grau da evolução humana, que então quererá ascender ao terceiro. Isto poderá parecer longe, hoje, quando ainda ressoa entre vós o eco das lutas nos mais baixos níveis. Porém, o tempo, pela elaboração dos milénios, está maduro e esse é o porvir do mundo. Não vos falo do presente, que conhecéis, sim do futuro que vos aguarda. Não vos faço encarar apenas os problemas do momento, mas também os problemas e as construções para os quais necessário é vos prepareis.

LXXIX — A lei do trabalho.

Ciencia e trabalho são as vias da evolução no nível humano. Para preparar-se o reino do espírito, preciso se faz, primeiro, transformar a terra, para que as construções superiores tenham, por continuidade, as suas bases. E' necessário, antes de pensar no progresso futuro, amadurecer o progresso presente. Maravilha o vosso dinamismo laborioso e criador; mas, não o tomeis por méta absoluta, por tipo definitivo e completo de vida e sim, apenas, como meio de chegardes a um estado mais distante e muito superior. Aprende a lhe notar os pontos fracos e a desejar superá-los, porque nesses pontos estão também as culpas, os males, as dores que vos afligem. Admirai-a e, sobretudo, aperfeiçoai-a, porém não leveis demasiado a serio a vossa civilização mecanica, que vos prepara um amanhã bem triste, se se não completar pelas sendas do espírito. Praticamente, pois, não é inutil conhecer o universo, a sua lei, a linha do destino, as foças do bem e do mal, que nele atuam, o modo de corrigi-las, de dominar a dor e as provas, para a propria felicidade numa vida sem limites. Aceitai o trabalho e a ciencia, mas ponde-os no nível que lhes compete e que é unicamente o de arrotear o campo em que tem de florescer um jardim. Também o tipo medio humano deve cuidar da sua ascensão e preparar-se para as sutis superconstruções do espírito. O vosso dinamismo violento exprime o vosso tipo dominante, o vosso labor de criação nos mais baixos níveis de vida corporea. Constitue apenas a base do grande edifício, cujo vértice no céu se perde.

O trabalho, como o entendais, se transforma a terra, não transforma o homem. E o homem é o valor maximo, o centro dinamico sempre reconstituído; é fase alcançada de consciencia, a matriz de todas as construções futuras. Não basta criar o ambiente; é necessário operar também no interior e criar o homem. A vossa ativi-

dade humana se ilumina então de uma luz interior, se valoriza com um significado imensamente mais alto. A vossa mentalidade utilitaria ha feito do trabalho uma condenação, transformastes o dom divino de plasmar o mundo á vossa imagem num tormento insaciável de possessão. A lei do *do ut des*, que vige no mundo economico, fez do trabalho uma forma de luta e uma tentativa de furto. E' uma dor que vos oprime, mas é justa e está no seu posto, porque exprime exatamente o que sois e o que mereceis. Todos os vossos males são devidos á vossa imperfeição social e á vossa impotencia para fazer melhor.

E' assim que tantos desses males, como, por exemplo, a guerra, são produzidos por aquilo que sois e, consequintemente, serão inevitaveis, enquanto não mudardes. *O trabalho não é uma necessidade económica, é uma necessidade moral.* O conceito de trabalho economico deve substituir-se pelo de *trabalho função social*; direi mais: *função biologica construtora*. Ele tem a de criar novos órgãos exteriores (a maquina), expressão do psiquismo, a de fixar, pela repetição constante, os automatismos (sempre escola construtora de aptidões), o encargo de coordenar o individuo no funcionamento organico da sociedade. Em lugar do conceito limitadissimo, egoístico e socialmente danoso de *trabalho-ganho*, é preciso colocar o conceito de *trabalho-dever* e de *trabalho-missão*. Constitue isto um encaminhamento para o altruismo, não um altruismo sentimental e desordenado, porém, pratico e ponderado, cujas vantagens se calculem. Dado o tipo humano predominante, o altruismo não pode nascer senão como utilidade coletiva, utilidade que o põe, inexoravelmente, pela lei do meio minimo, na linha da evolução. Limitar o homem o trabalho, mesmo material, á só finalidade egoistica do ganho é diminuir-se a si mesmo, porque importa em abdicação da consciencia do proprio valor, do qual aquele trabalho é prova e confirmação; é mutilar-se a si mesmo, renunciando á função de célula social, de construtor que, embora pequenino, tem o seu lugar no funcionamento organico do universo.

Concebei o trabalho como instrumento de construção eterna, cujo fruto, porém, é vosso, sob a forma de aptidões adquiridas para sempre, e não como ganho de vantagens imediatas e transitorias. A verdadeira mercê está no vosso valor, que o trabalho cria e mantém e que não vos pode ser subtraído. Amai ao trabalho como disciplina espiritual, como escola de ascensões, como necessidade absoluta da vida, correspondente aos supremos imperativos da Lei, que vos impõe o progresso por meio dos esforços. Ele dará á vida um senso de seriedade, de dever, de responsabilidade, fazendo dela uma lide de exercitações, em vez de uma mascarada de folgazões; evitará o espetáculo de tantas leviandades que insultam o pobre; dará alto valor ao dinheiro que custa esforços e que é o único honesto.